



## AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA TUBERCULOSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Stefan Artur Gerzoschkowitz<sup>1</sup>, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Valéria Zanetti<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup> Faculdade de Educação e Artes, Universidade do Vale do Paraíba/Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica/ IPD, Avenida Shishima Hifumi, 2911. Stefan.gerzo@outlook.com, vzanetti@univap.br

**Resumo:** Este artigo discorre sobre a representação social da tuberculose e suas transformações a partir da segunda metade do século XIX. Inserido no campo da História Social, o estudo nos permite compreender, por meio da análise qualitativa com domínio na História das Representações, a história de diferentes grupos sociais que coexistiam a partir da segunda metade do século XIX. A tuberculose, antes romantizada em prosa e verso, ligada aos grupos intelectualizados, passou a representar uma ameaça à ordem social, notadamente no momento de imposição do capitalismo e do modelo burguês, que estabeleceram uma nova lógica urbana, baseada na segregação e isolamento do doente.

**Palavras-chave:** História, Representação Social, Tuberculose, Segregação, Espaço.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas

### Introdução

A história é constantemente marcada por guerras e grandes epidemias. Por meio da historiografia é possível identificar que as grandes epidemias ceifavam mais vidas que as guerras, sem que suas vítimas soubessem a causa mortis. Segundo UJVARI (2003),

O século XIX foi o século da tuberculose em razão da urbanização industrial, a que se aliaram condições humanas para que a doença surgisse e meios propícios à sua transmissão (UJVARI, 2003:106).

Desde a pré-história a tuberculose apavora a humanidade. Esqueletos de múmias do Antigo Egito (3000 A.C) e ossadas encontradas no Peru evidenciam que a tuberculose esteve presente em todas as áreas do globo. Já no século XVIII, com sua crescente urbanização, a doença se alastrou por toda a Europa, até se espalhar por todo o globo, elevando consideravelmente a taxa de mortalidade.

Esse artigo propõe compreender a representação social sobre a tuberculose e sua transformação ao longo do século XIX. Mas para isso é necessário compreender a tuberculose pulmonar. Doença infectocontagiosa crônica, a tuberculose de acordo com BERTOLLI FILHO (2001),

tem como agente etiológico a *Mycobacterium tuberculosis*. Acredita-se que este micróbio – também conhecido como bacilo de Koch –

seja anterior ao próprio Homem, sucedendo formas ainda mais elementares de vida microscópica. O encontro entre o germe da tuberculose e a espécie humana levou o agente infeccioso a desenvolver estratégias de adaptação ao novo hospedeiro: além da perda da capacidade de multiplicação no meio exterior, o bacilo inicialmente sofreu um significativo aumento de virulência para, na continuidade, restringir sua capacidade destrutiva, tornando-se um comensal aceitável para os indivíduos e para os agrupamentos humanos (BERTOLLI FILHO, 2001:29).

As péssimas condições sanitárias e higiênicas da população urbana do século XIX proporcionaram condições perfeitas para a propagação da tuberculose, desta forma a tísica se tornando uma ameaça à saúde do indivíduo e aos diferentes grupos sociais existentes na sociedade. Na América Latina as pesquisas desenvolvidas em torno da doença se concentravam em duas correntes, defendidas respectivamente por Aristides Moll, em 1969, e pelo francês Mirko Grmek, em 1983. Segundo BERTOLLI FILHO (2001),

Aristides Moll (1969) defende a tese que coloca a tuberculose como moléstia conhecida pelos autóctones americanos muito antes de 1492, assinalando que os Incas haviam batizado a letal enfermidade com o nome de chakionkoy. Outro pesquisador, o francês Mirko Grmek (1983), também aponta para a



presença da tísica no 'Novo Mundo' no período que antecedeu a invasão europeia. Com base em dados oferecidos pela paleopatologia, Grmek assinala que a infecção pulmonar se apresentava como evento corriqueiro nos centros urbanos pré-colombianos, fazendo poucas vítimas nos agrupamentos de tamanho reduzido e que mantinham escassos contatos com as tribos maiores (BERTOLLI FILHO, 2001:57).

No Brasil, a tuberculose conquista espaço no século XIX, se alastrando entre a população pobre assolada pela fome e aglomerada em cortiços insalubres, se tornando a maior causa da morte entre a população pobre. O combate à tuberculose nesse período não é o foco principal dos agentes de saúde, que direcionavam nesse momento todas as atenções à febre amarela (UJVARI, 2003).

### Metodologia

A metodologia adotada compreende o campo da História Social, que permite perceber a história dos diferentes grupos sociais, em contraste com a biografia dos grandes homens e das Instituições, próprias da antiga historiografia. O apoio à História Social nos permite entrever os outros campos de análise, como a história política, a história cultural, a economia, as relações sociais, entre outras possibilidades.

A abordagem adotada se enquadra na análise qualitativa com domínio na História das Representações Sociais, com base na Psicologia social de Serge Moscovici e Denise Jodelet, bem como de Susan Sontag.

### Discussão

A tuberculose povoou de diferentes formas o imaginário popular. O estudo da representação social, inserido na dimensão da Psicologia Social, nos permite compreender como o coletivo percebe a realidade. Durkheim foi o precursor na identificação e tratamento das produções mentais e sociais, sendo seguido por Moscovici que renovou a análise para uma melhor compreensão da sociedade contemporânea (Jodelet, 1993). No geral, as representações podem ser entendidas como "teorias" espontâneas ou versões que se constituem para entender uma determinada realidade (idem). Seu suporte teórico nos permitira entender como a tuberculose foi intelectualmente processada e como se deram as interações sociais determinadas pela lógica da discriminação e da segregação.

PÓRTO (2007) evidencia que no século XIX os tuberculosos eram envolvidos por uma aura

romântica que os colocava em posição de destaque na sociedade. De acordo com a autora, tal representação sensível e romântica da doença, se difundia principalmente entre os literários e artistas do período.

Tal aura romântica do século XIX provocou um fascínio pelo mal. A tuberculose era apaixonadamente representada em poemas de literários e artistas da época, sempre associada à morte para representar projetos de negação do "mundo concreto" e de expressão de desencanto com a vida social (CLEMENTINO et al, 2011). Os intelectuais utilizavam a tuberculose para afirmar sua condição única na sociedade por meio do culto aos sinais de sua doença, visto que o aspirante a carreira de literário deveria ostentar os singulares sintomas da tuberculose, que representavam o caráter nobre e genial do jovem artista (PÓRTO, 2007).

O ar romântico da tuberculose no século XIX pode ser destacado pelas importantes figuras ligadas às artes que morreram de tuberculose. Mas a presença de figuras renomadas que sucumbiram à tuberculose, não se dá somente no campo da poesia e literatura. ROSEMBERG (1999) nos apresenta que nas principais enciclopédias é possível encontrar a presença de "16 reis e imperadores, duas rainhas, 53 com titulação de nobreza, 101 escritores, 110 poetas, 40 cientistas, oito filósofos, 16 músicos, nove pintores e nove santos católicos" (ROSEMBERG, 1999:7).

O autor nos apresentam médicos de renome internacional que figuraram entre 1850 e 1950 que contraíram a tísica, como "Chevalier Jackson, pioneiro da broncoscopia, e Ramón y Cajal, prêmio Nobel pelos estudos de anatomia fina do cérebro e da degeneração das fibras nervosas" (ROSEMBERG, 1999, p.9). Já na literatura do final do século XIX e início do século XX, encontramos escritores que não contraíram a tísica, mas que a retratam e analisavam personagens típicos em suas obras, como por exemplo, Victor Hugo, Zola, Flaubert, Charles Dickens e Eça de Queiroz (idem). Traços da tuberculose são encontrados na literatura brasileira até a metade do século XX. Um exemplo da presença da tísica na literatura brasileira pode ser encontrado na escrita do poeta Alvares de Azevedo, que retratou nos seguintes versos sua inexorável morte por conta da tuberculose:

Descansem o meu leito solitário  
Na floresta dos homens esquecida  
À sombra de uma cruz e escrevam nela:

Foi poeta, sonhou e amou a vida (Apud. ROSEMBERG, 1999:11).

O romantismo evidenciado no século XIX redefiniu os padrões estéticos, sensualizando e embelezando a figura feminina que possuía traços da tuberculose, como evidencia BERTOLLI FILHO:

A tez pálida, os olhos lacrimejantes, as faces rosadas e a rouquidão da voz davam destaque aos corpos lânguidos, à alvura dos dentes e à tonalidade dos cabelos, tornando os ‘anjos típicos’ modelos da estética feminina cultuada pelos românticos, sendo que as mulheres que correspondessem a este perfil eram situadas como objetos máximos dos desejos masculinos (BERTOLLI FILHO, 2001:46).

A maior mudança na representação social da tuberculose acontece na segunda metade do século XIX. Se antes a doença representava genialidade e status, a partir da segunda metade do século XIX, a tuberculose passa a representar a quebra dos valores e das convenções sociais, passando a ser considerada uma doença de boêmios e de cortesãs. BERTOLLI FILHO (2001) evidencia que:

A busca do entendimento da Peste Branca e dos fímatosos, neste enquadramento, suscitou a cristalização de uma multiplicidade de representações sobre o doente do peito. Em continuidade, a ‘moléstia misteriosa’ e os típicos tornaram-se objeto de uma série de tratamentos metafóricos que resultaram na percepção da vida infectada como sinistro espelho dos desregramentos e perversões promovidas pela existência grupal, especialmente após as Revoluções Burguesas (BERTOLLI FILHO, 2001:43).

SOARES (1994) nos apresenta a tira “História de uma cocote” (Figura 1) exemplificando a nova concepção da doença e do doente. Publicada no jornal o Tupy, no Rio de Janeiro em agosto de 1872, retrata a vida de uma Dama das Camélias que.

após uma infância saudável, abençoada por anjos, a jovem libertina desperdiça a saúde e a vida entre danças, namoros e orgias, terminando tísica em um leito de hospital. A seu lado, como única companhia, uma escarradeira testemunha a presença da Peste Branca, cruel destino para uma vida degenerada (SOARES, 1994:128).

A nova concepção social da doença dispõe de um caráter negador da vida boêmia e da tuberculose na camada culta da sociedade. Esse novo posicionamento associa a tuberculose à pobreza e a marginalidade. SONTAG (2007) evidencia que as metáforas em torno das enfermidades sempre foram utilizadas para justificar as acusações de que uma sociedade era corrupta ou injusta. As doenças e suas imagens são utilizadas para representar as preocupações com a ordem social. Doenças como o câncer e a tuberculose, são utilizadas para a proposição de novos padrões críticos de saúde individual. O mito da tuberculose sugere que a pessoa é responsável pela sua própria doença. Segundo Menninger (apud SONTAG,44:2007) “A doença é em parte aquilo que o mundo fez a uma vítima, na maior parte, é aquilo que a vítima fez ao seu mundo e a si mesma”.

Para BERTOLLI FILHO (2001), “a partir de então, a tuberculose foi associada à miséria que dizimava o lumpemproletariado e os trabalhadores industriais, enfim, toda uma legião de injustiçados” (BERTOLLI FILHO, 2001:48).



Figura 1: História de uma cocote  
Fonte: SOARES, 1994

A partir deste momento, o corpo saudável passa a ser valorizado para que a continuidade do projeto liberal de hegemonia de crescimento econômico seja assegurada. PÔRTO (2007) evidencia que a dominação burguesa não se daria somente no campo econômico ou ideológico, mas também no campo físico. A partir daí, qualquer ameaça ao corpo burguês passa a ser tratada ou eliminada. A



autora apresenta que a falta de conhecimento e tratamento da tuberculose, gerou um estado de pânico, reforçando que o comportamento desviado das convenções sociais ou uma vida desregrada eram as causas da tuberculose.

ZANETTI (2012) nos apresenta que a necessidade de mão de obra para sustentar a dinâmica capitalista do sistema, o doente, pela sua falta de saúde e de capacidade de trabalho, não tinha possuía função dentro da dinâmica econômica capitalista. Nesse momento, os enfermos pobres passam a ser vistos pela administração das cidades, por representar um foco transmissor da doença, como uma classe perigosa, sendo inserido forçadamente em uma dinâmica preconceituosa que o repudiava. A dinâmica política evidenciada na virada do século XIX para o século XX evidencia a uma nova política racional. Segundo SONTAG,

Na grande tradição da filosofia política, a analogia entre doença e desordem civil é proposta a fim de estimular os dirigentes a pôr em prática uma política racional (SONTAG, 2007:68).

No Brasil, a atenção só foi dada a tuberculose quando a mesma se tornou uma ameaça social. A partir daí, o Estado passa a interferir com maior intensidade no combate à tuberculose. A partir de 1920, com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e da Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose, se passa a adotar medidas para a contenção da tuberculose (ZANETTI, 2012).



Figura 2: Consultório de mulheres. Dispensário do Estácio. Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose  
Fonte: SOARES, 1994

A lógica capitalista conduzia as mudanças no espaço urbano das grandes cidades, levando a modernização aos equipamentos públicos como

água encanada, sistema de esgoto e sistema telefonico. ZANETTI (2012) evidencia que tais melhoramentos significam a higienização, embelezamento limpeza das grandes cidades. Por exemplo em São Paulo, onde:

A modernização da estrutura sanitária da cidade de São Paulo, executada pelo prefeito Antônio Prado e dirigida pelo Dr. Emilio Ribas, objetivava efetuar o embelezamento e racionalização da cidade que foi transformada no principal centro articulador técnico, financeiro e mercantil do café (ZANETTI, 2012:35).

No geral pode-se afirmar que a representação social da tuberculose se modifica conforme a necessidade do capital, tendo como marco a Revolução Industrial. O lado romantizado da doença, apresentado em prosa e verso, dá vazão à política sanitária. Vigida pela polícia médica, a pobreza denunciava o grau de contágio, visivelmente pelas condições higiênicas ruins e pelas moradias insalubres. Dessa forma, se justifica a política de segurança social, que se baseava na preservação da saúde e do corpo de produção. No Brasil, podemos afirmar que a preocupação tardia em relação às condições de vida da população, juntamente com a pouca atenção dada à tuberculose, levaram a criação de medidas profiláticas emergenciais que induziam as vítimas da tuberculose até os polos de tratamento, instituídos pelas estâncias climáticas, tais como as que foram criadas em São Paulo (Campos do Jordão e São José dos Campos) e Belo Horizonte.

### Referências

- BERTOLLI FILHO, Claudio. **História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

- CLEMENTINO, Francisco de Sales et al. **Tuberculose: Desvendando Conflitos Pessoais e Sociais** Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, out/dez 2011, p. 638-43. Disponível em < <http://www.facenf.uerj.br/v19n4/v19n4a23.pdf> > acesso em 17 jun. 2015

- JODELET, D. **Représentations sociales: un domaine en expansion**. In D. Jodelet (Ed.) Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989. pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda J Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ-Faculdade de Educação, dez. 1993. Disponível em <http://portaladm.estacio.br/media/3432753/jodelet->



drs-um-dominio-em-expansao.pdf acesso em 14 jul. 2015

- PORTO, Ângela. **Representações sociais da tuberculose: estigma e preconceito.** Rev. Saúde Pública. São Paulo, v. 41, supl. 1, p. 43-49, set. 2007. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000800007>>. acesso em 17 jun. 2015.

- ROSEMBERG, José. Tuberculose - **Aspectos históricos, realidades, seu romantismo e transculturação.** Bol. Pneumol. Sanit., Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, dez. 1999. Disponível em <[http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-460X1999000200002&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-460X1999000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 10 ago. 2015.

- SOARES, Pedro Paulo. **A dama branca e suas faces: a representação iconográfica da tuberculose.** Hist. cienc. saúde-Manguinhos. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 127-134, out.1994. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701994000100012>>. acessos em 17 jun. 2015.

- SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas.** Editora Companhia das Letras, 2007.

- ZANETTI, V. **Cidade e Identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares.** São Paulo: Annablume, 2012.

- VIANA, Paula Vilhena Carnevale. **Saúde e cidade: uma relação inscrita no espaço e no tempo; a fase sanatorial de São José dos Campos (SP) e sua influência sobre os serviços de saúde da década de 1980.** 2004. Tese (Doutorado Medicina Preventiva). Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina.

- UJVARI, Stefan C. **A História e suas Epidemias.** 2. ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Senac, 2003.